



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ARARAQUARA
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA**

GABRIELA COCOLO DE FREITAS

ENTENDENDO A PIADA: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA

**ARARAQUARA - SP
2011**

GABRIELA COCOLO DE FREITAS

ENTENDENDO A PIADA: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Curso de Letras da Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara, como pré-requisito para a obtenção do título de bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

**ARARAQUARA - SP
2011**

DEDICATÓRIA

A todos que me apoiaram direta e indiretamente durante esses quatro anos de graduação. Em especial, à minha família.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, a Deus.

Aos meus pais, Carlos Roberto Moreira de Freitas e Emilia Cocolo de Freitas, que me apoiaram e incentivaram durante todo esse período de graduação e contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal.

A todos os professores pelo conhecimento sabiamente transmitido.

Ao Professor Dr. Luiz Carlos Cagliari pelo privilégio de sua orientação. Seus ensinamentos foram de suma importância à elaboração e ao enriquecimento deste trabalho.

Tenho consciência de que a pior relação possível com as piadas é tomá-las como objeto de análise, situação em que perdem totalmente a graça. É um pouco como explicar piadas depois de contá-las. No entanto, por se apresentarem como casos exemplares de um fato que julgo mais geral, o trabalho de interpretação, disponho-me ao papel de chato. (POSSENTI, 1998).

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi o de buscar compreender melhor o funcionamento linguístico através da análise de um *corpus* composto por dez piadas e observar quais os elementos da língua que provocaram humor em cada uma delas.

Para a conclusão desta pesquisa, foi necessário realizar um levantamento bibliográfico que fez uso de conceitos relacionados ao humor e focalizar determinados campos da Linguística, como a Semântica e a Pragmática. Esta disciplina pôde viabilizar uma aproximação entre Linguística e humor por se dedicar à análise dos usos da língua, considerando as intenções do locutor e os efeitos da fala deste sobre o alocutário. De maneira semelhante, a Semântica também lida com fatores de grande relevância para se analisar os textos ditos jocosos, tais como sinonímia, polissemia, homonímia, ambiguidade etc. Esses dois ramos trabalham juntos conteúdos inegavelmente importantes para se realizar uma interpretação desse tipo de texto.

As análises realizadas buscaram verificar o principal determinante de um efeito risível em cada piada e não se ativeram em minuciosas reflexões de teor sociolinguístico, social e psicológico. A partir delas, pôde-se verificar que os textos de humor constituem um rico objeto de trabalho para o estudioso da língua, já que possuem elementos abundantes para contribuir com um estudo completo do funcionamento e da estrutura da linguagem (verbal).

PALAVRAS-CHAVE: Humor. Linguística. Piadas. Semântica. Pragmática.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	8
1.1	Objetivos.....	9
1.2	Questão / Problema.....	9
1.3	Metodologia.....	9
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	11
2.1	Linguística e Humor.....	11
2.2	Entendendo a piada.....	14
2.3	Dois disciplinas relevantes ao estudo das piadas: a Semântica e a Pragmática.....	16
3	ANÁLISES LINGUÍSTICAS.....	21
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

“Apenas três coisas podem realmente fortalecer o homem contra as tribulações da vida: a esperança, o sono e o riso.”

Emmanuel Kant

Desde seus primórdios, o homem tem a necessidade de desfrutar do riso, do humor, já que é uma maneira divertida de refugiar-se de todas as tribulações que possam envolver qualquer época e sociedade. Segundo Jerkovic (1970 apud TRAVAGLIA, 1990, p.58), “o humor existe desde que o animal risível tem memória” e mesmo na pré-história já se faziam caricaturas para se zombar da covardia dos inimigos, já que estes eram simbolizados com cabeças de gazelas (PINO, 1970 apud TRAVAGLIA, 1990).

Sendo algo constante na vida e na história do ser humano, o riso tem suscitado o interesse de muitos pesquisadores. Desse modo, “[...] a presença e a disseminação do humor em nossa vida e seus papéis necessários e importantes dentro dela levaram o humor a tornar-se um importante campo de estudos [...]” (TRAVAGLIA, 1990, p.56). Na maioria das vezes, esses trabalhos têm como aporte as áreas da Psicologia (cf. FREUD – 1905), Antropologia e Sociologia (cf. DAVIES – 1987 e JOHNSON – 1976) e exploram questões como, por exemplo, o uso do humor enquanto instrumento de crítica e denúncia social, trazendo à luz preconceitos, estereótipos e valores sociais. O humor tem sido visto, portanto, como uma forma de grande importância para se analisar questões psicológicas, filosóficas e sociais. Segundo Possenti (1998), já no que diz respeito à Linguística, o humor infelizmente quase não tem sido abordado como realmente deveria, o que é um grande desperdício, já que os textos de humor são um excelente objeto de análise para o estudioso da língua. Eles possuem uma grande riqueza de informações e elementos que contribuem para um estudo completo do funcionamento e da estrutura da linguagem (verbal).

Levando em consideração o fato de o humor ser uma ferramenta de grande valor para os estudos lingüísticos, nos deteremos neste trabalho, dentre as mais diversas faces do humor, em um conjunto de textos exclusivamente composto por piadas, visto que nelas, o verbal é quem constitui a substância do risível. Elas acabam por funcionar como um verdadeiro *corpus* para os trabalhos na área da linguagem, uma vez que conseguem evidenciar, além dos elementos gramaticais, sistemáticos, “[...] que uma língua funciona sempre em relação a um contexto culturalmente relevante e que cada texto requer uma relação com outros textos” (POSSENTI, 2001, p. 72). Isso explicaria por que um texto pode ser engraçado para um grupo e não para outro, e por que ele pode provocar o riso em determinada época e não em outra.

Essa declaração explicaria também a dificuldade com que nos deparamos quando tentamos traduzir um texto, sobretudo se este for humorístico. Além disso, as piadas exemplificam uma comunicação viva e genuína, já que são “dados **efetivamente** enunciados pelos falantes” (POSSENTI, 1998, p.24; grifo meu), sendo, portanto, um instrumento de suma importância para o entendimento do comportamento lingüístico.

Este trabalho procurará evidenciar como disciplinas relativas ao estudo da linguagem, tais como a Pragmática e a Semântica, podem exercer papel fundamental na interpretação das piadas, para que possamos vê-las como meio de se entender mais claramente o funcionamento real e vivo da língua.

1.1 Objetivos

Este trabalho tem por objetivo entender melhor o funcionamento lingüístico de textos humorísticos conhecidos como piadas; analisar como o humor, em seu aspecto lingüístico, se constrói e detectar quais são os recursos de linguagem utilizados para a produção de um efeito humorístico/risível nesses textos.

1.2 Questão / Problema

Entendendo a piada: uma análise lingüística tem como foco explorar a seguinte questão:

- Quais são os recursos lingüísticos utilizados para a produção de um efeito humorístico nas piadas?

1.3 Metodologia

Foi estudado o funcionamento lingüístico dos chistes por meio da análise de um corpus composto por piadas presentes na cultura popular atual e em diversos meios de comunicação, em especial na *internet*, algumas delas contidas em sites de piadas. O presente trabalho se embasou em um levantamento bibliográfico, fazendo uso de conceitos de certas obras que abordam o humor. Entre elas, se destacaram estudos realizados pelo linguista Sírio Possenti. Priorizaram-se conceitos de áreas da Linguística em geral, tais como a Semântica e a Pragmática. Esta conseguiu viabilizar uma aproximação entre Linguística e humor por se dedicar à análise dos usos da língua, considerando as intenções do locutor e os efeitos da fala deste sobre o alocutário. Além disso, a Pragmática encontrou nos materiais humorísticos uma

possibilidade de reunir “[...] dados impressionantes para [...] saber o que é e como funciona uma língua” (POSSENTI, 2001, p.72). Por sua vez, a Semântica estuda fatores igualmente essenciais ao entendimento dos mecanismos de produção verbal de humor, tais como ambigüidades, implicações/inferências, polissemias, implicaturas conversacionais, pressuposições etc.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Linguística e Humor

Primeiramente, partiremos das definições da palavra *humor* contidas nos dicionários Houaiss e Michaelis. Posteriormente, abordaremos algumas concepções básicas do humor a partir de pontos-de-vista de autores de diferentes áreas do conhecimento.

No dicionário Houaiss, o vocábulo *humor* é tido como “[...] 5. comicidade em geral; graça, jocosidade. 6. expressão irônica e engenhosamente elaborada da realidade; espírito. 7. faculdade de perceber ou expressar tal comicidade.”(HOUAISS, 2001, p.1555). Por sua vez, o dicionário Michaelis o determina como “[...] 6. capacidade de compreender, apreciar ou expressar coisas cômicas, engraçadas ou divertidas.” (MICHAELIS, 1999, p.1117)

É interessante destacar que as definições de ambos os dicionários associam humor a comicidade. De maneira semelhante, Jan Bremmer e Hernan Roodenburg (2000) consideram o humor como “qualquer mensagem – expressa por atos, palavras, escritos, imagens ou músicas - cuja intenção é a de provocar o riso ou um sorriso.” (BREMNER; ROODENBURG, 2000, p.21-22).

Luiz Carlos Travaglia, entretanto, considera o humor como algo que vai além da capacidade de provocar o riso:

O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios. (TRAVAGLIA, 1990, p.55)

O autor também afirma que “[...] o humor permite a crítica onde ela seria impossível de outro modo” (TRAVAGLIA, 1990, p.68).

Freud vê o humor, ainda segundo Travaglia, como uma forma de o homem se libertar das repressões do cotidiano, sendo um modo de

manifestação do reprimido, uma forma de descobrir prazeres reprimidos pela autoridade social e auto-censura, sendo pois, uma forma de rebelião, de reação, de revolta [...] do homem livre contra a repressão da autoridade, liberando-se de sua pressão em todas as facetas da vida diária. (TRAVAGLIA, 1990, p. 68).

Sírio Possenti afirma que “O que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica [...]” (POSSENTI, 1998, p.49) e considera que é inútil dizer que o humor é algo cultural, visto que não é somente ele e sim todas as coisas (comportamentos, outros textos etc.) que o são: “O humor é cultural, mas o é apenas no sentido de que tudo o é.” (POSSENTI, 2010, p.139).

O autor (2010, p.175) ainda sustenta o fato de que, assim como a Literatura, o humor também pode abordar qualquer assunto.

Possenti realiza uma ampla caracterização acerca do humor, apontando as funções e as despreensões deste:

[...] o humor [...] tem suas regras, seu universo, suas funções. Haverá certamente alguma relação com a realidade, mas construída segundo as regras do humor, análogas às da ficção. Nem retrata, pois não tem pretensões sociológicas, nem prega diretrizes, pois não tem função educativa ou moralizante. Contudo, não deixa de ter algum papel, de retratar à sua maneira os fatos e as pessoas (exagerando-os, caricaturizando-os, ridicularizando-os) [...]. E os leitores ou ouvintes fazem com isso o que lhes der na telha – segundo seus valores e ideologias. (POSSENTI, 2010, p.179).

O linguista afirma que o humor vem obtendo espaços cada vez mais numerosos e relevantes atualmente (POSSENTI, 2010, p.175) e o analisa como um campo dentro do qual existem diversos gêneros:

O humor [...] é um campo em que se praticam gêneros numerosos, da comédia à charge, passando pelas “crônicas” e narrativas, histórias em quadrinhos, tiras, pelas piadas e pela exploração humorística de numerosos outros tipos de textos [...], “comédias em pé”, programas de rádio e televisão... Além de os gêneros humorísticos serem muito numerosos, pode haver manifestações humorísticas no interior de todos os tipos de texto [...] (POSSENTI, 2010, p.175).

Segundo Del Ré (2003), Aristóteles define o riso como sendo algo inerente ao ser humano, declarando que “O homem é o único animal que ri”. A autora afirma que mesmo na retórica romana, Cícero e Quintiliano já tentavam sistematizar o riso e o risível. Cícero

[...] distingue o riso das palavras e das coisas (Quintiliano fala em discursos e atos enquanto objetos do riso): no primeiro se enquadrariam categorias tais como a alegoria, a metáfora, a antífrase, a antítese, as palavras com duplo sentido, pequenas alterações em palavras ou versos, as palavras tomadas ao pé da letra. Ri-se menos das palavras que das coisas, mas elas podem se tornar mais engraçadas se surpreende-se a expectativa do outro, ela espera que você diga uma coisa e você diz outra. Ao segundo pertenceria tudo aquilo que não constitui figura de estilo, mas o que diz respeito à prova, à demonstração e à ação. É a narrativa cômica, a ação cômica (gesto, voz) e tudo aquilo que não envolve palavras. (DEL RÉ, 2003, p. 16-17).

Podemos observar, a partir das definições dadas, que o humor é algo multifacetado, muito amplo e abrangente, podendo ser minuciosamente abordado por várias áreas, como a sociologia, antropologia, filosofia, psicologia etc. Conforme aponta Travaglia, não é tarefa simples dissociá-las, já que o campo de estudos do humor é “necessariamente multi e interdisciplinar” (TRAVAGLIA, 1990, p.57). Dessa forma, o autor acrescenta que

[...] as diferentes abordagens acabam convergindo, ou sendo contra-faces de algo multifacetado e que se torna difícil trabalhar dentro de uma abordagem (visão de uma face) sem tocar, perceber ou levantar elementos de outra. (TRAVAGLIA, 1990, p.64).

Apesar da dificuldade em estudar o humor dentro de uma abordagem sem tocar em outra, este trabalho prioriza análises lingüísticas, já que, conforme aponta Raskin (apud TRAVAGLIA, 1990, p.61), a Linguística moderna tem muito a oferecer ao estudo do humor.

Quanto à relação da Lingüística com o humor, Possenti realiza a seguinte afirmação:

Os estudos sobre textos humorísticos têm aumentado exponencialmente nos últimos anos, em diversos campos de pesquisa (estudos “culturais”, História, Sociologia, Psicanálise, Psicologia), e os estudos de linguagem não têm sido indiferentes ao tema. Muitos trabalhos têm sido apresentados e publicados, tendo sido realizados a partir de diferentes quadros teóricos. Talvez se possa dizer que certos ingredientes dos “textos” humorísticos, pelas relações peculiares que mantêm com várias questões de ordem propriamente lingüística, em primeiro lugar, mas também pragmáticas, textuais, discursivas, cognitivas e históricas, têm chamado a atenção dos estudiosos para os diversos gêneros do campo. (POSSENTI, 2010, p.27)

O autor (POSSENTI, 1998, p. 21), procurando explicar linguisticamente o humor, destaca o fato de não haver uma espécie de lingüística do humor. Existem, na realidade, áreas da Linguística que têm a capacidade de oferecer subsídios para um bom trabalho não só desse tipo de texto, mas também daqueles não humorísticos:

Na verdade, não faria sentido propor uma lingüística do humor. Se a lingüística [...] for razoavelmente boa, deve servir para análise de diversos tipos de manifestação da linguagem [...]. Em suma, não existe uma lingüística do humor. No máximo, existem lingüistas que trabalham eventualmente sobre ou a partir de dados colhidos em textos humorísticos. Com estes dados, podem-se discutir sintaxe, morfologia, fonologia, regras da conversação, inferências, pressuposições etc. Tudo isso poderia, evidentemente, ser discutido também com textos não humorísticos [...] (POSSENTI, 1998, p.21).

Ainda no que diz respeito às relações entre humor e Lingüística, Célia Maria Carcagnolo Gil defende que existem vários elementos lingüísticos que se ligam ao humor: “há numerosos fatores lingüísticos [...] se relacionando de diferentes modos com o humor” (GIL, 1995, p.119) e Travaglia sustenta que “o humor constitui um campo de estudos com múltiplas possibilidades para a Lingüística” (TRAVAGLIA, 1990, p.78). Seguindo tais pontos-de-vista, dentre as diversas modalidades do humor, este trabalho se restringirá a realizar análises lingüísticas de piadas, nas quais o aspecto verbal é quem provoca o riso. Para tanto, o subcapítulo seguinte tratará de definições dos chistes e das suas relações com os estudos da linguagem.

2.2 Entendendo a piada

Piadas são textos que têm ligação direta e necessária com o riso. Nelas, o humor se dá quando regras preestabelecidas são rompidas e quando se infringem normas lingüísticas e sociais (GIL, 1995).

Segundo Freud, os chistes têm como característica o fato de “serem manifestações do inconsciente, formas de escapar da repressão e do controle.” (POSSENTI, 2010, p.136). De forma semelhante, Johnson (1976 apud TRAVAGLIA, 1990) os define, entre outras coisas, como “estímulos humorísticos que resultam em riso, que constitui uma liberação fisiológica imediata do conflito.” (TRAVAGLIA, 1990, p.72).

Com grande freqüência, eles são maneiras de difundir discursos conservadores ou reacionários, como, por exemplo, os que envolvem o campo da sexualidade (POSSENTI, 1998), além de serem ótimos materiais para se compreender elementos ideológicos e culturais (POSSENTI, 2010).

Após a Idade Média, o costume de se narrar e colecionar piadas se espalhou largamente em todo o aspecto social, e o ato de contá-las se tornou algo característico e indispensável na conversação entre cavalheiros (BREMNER; ROODENBURG, 2000). Hoje, é inegável o quanto elas estão disseminadas na vida do Homem nas mais diversas culturas.

Para Travaglia, as piadas são “talvez o gênero base do humor” (TRAVAGLIA, 1990, p.77). De um ponto de vista restritamente lingüístico, elas causam interesse como peças textuais que apresentam com grande clareza um complexo conhecimento da língua. (POSSENTI, 1998). O autor defende que se pudemos entendê-las, não é porque são fáceis mas sim porque conseguimos dar conta de “coisas (pelo menos de textos) relativamente complexas.” (POSSENTI, 2010, p.103).

A piada, segundo Possenti, é comumente *non bona fide*, ou seja, não se refere a “‘realidades’ do mundo, não é um discurso para ser levado ‘a sério’, no sentido típico dessa expressão.” (POSSENTI, 2010, p.63).

O autor ainda trata a piada enquanto um gênero, no sentido bakhtiniano. E acrescenta:

Assumir que o tipo de texto que em geral classificamos como piada [...] constitui um gênero não significa dizer que é fácil classificar piadas nem que todas as piadas obedecem exatamente ao mesmo padrão. Mas creio que se pode dizer que as piadas constituem um gênero se assumimos como guia os traços básicos com que Bakhtin o caracteriza: um texto se relaciona a uma esfera, tem uma construção composicional e um estilo. (POSSENTI, 2010, p.103).

Dessa forma, o humor – assim como a literatura – é uma esfera, onde estão presentes vários gêneros, dentre os quais, as piadas (POSSENTI, 2010).

No que se refere ao conhecimento prévio ou enciclopédico exigido pelos textos e à exatidão no momento da leitura de determinados trechos dos chistes, Possenti realiza a seguinte afirmação:

[...] há piadas que supõem leitores específicos, que partilhem de saberes – de memórias – específicos. Além disso, exige-se uma capacidade de sacar trocadilhos, duplos sentidos, alusões etc. Nesse sentido, as piadas são um tipo de texto específico, porque, se é verdade que todos os textos supõem algum ‘conhecimento prévio’ ou enciclopédico’, a piada exige, além disso, uma precisão cirúrgica na leitura de certa passagem (em geral, seu final). (POSSENTI, 2010, p.111)

A piada, conforme explica Possenti (2010, p.111), exige a existência de uma ‘armadilha’ para o leitor, tendo, este, sempre que decifrar um enigma. Isso é característica típica desse tipo de texto, enquanto que em outros essa armadilha (desfecho incoerente, duplo sentido etc.) seria considerada um problema. Possenti (2010, p.161) também destaca que o fato de o leitor descobrir as alternativas de interpretação possíveis na piada provoca grande dose de prazer.

O lingüista ainda afirma que os textos em geral exigem o conhecimento das circunstâncias de sua produção (POSSENTI, 2010, p.145) e também declara que, com grande frequência, os chistes “estabelecem relações intertextuais (exigem conhecimentos prévios, partilhados). Por isso, muitas piadas deixam de fazer sentido em pouco tempo. É que dependem fortemente de fatores circunstanciais.” (POSSENTI, 2001, p.73). Desse modo, elas

também podem servir de suporte empírico para uma teoria mais aprofundada e sofisticada de como funciona uma língua, especialmente porque se trata de um corpus que, além de expor traços do que nela é sistemático (gramatical) e, paradoxalmente, ‘desarrumado’, contribui para deixar muito claro que uma língua funciona sempre em relação a um contexto culturalmente relevante e que cada texto requer uma relação com outros textos. (POSSENTI, 2001, p.72).

Possenti também analisa as causas de um texto humorístico não ser compreendido:

[...] o discurso humorístico, nos diversos gêneros textuais em que se materializa, faz apelo a um saber, a uma memória – mas não necessariamente a uma cultura específica. [...] o que faz um texto “falhar” é fundamentalmente a ausência dessa memória ou desse saber (exceto quando o que falha é um jogo ou uma associação verbal). [...] A falta de informação cultural é, portanto, apenas uma das manifestações de uma exigência que todos os textos fazem aos coenunciadores. (POSSENTI, 2010, p.148)

Raskin (1987 apud POSSENTI, 1998) considera que os trabalhos lingüísticos referentes ao humor “fixaram-se tradicionalmente na palavra, com destaque para sua ambigüidade.” (POSSENTI, 1998, p.80). E acrescenta que eles “no máximo teriam chegado ao duplo sentido, que, aliás, pode ter a ver com domínios lingüísticos diferentes do lexical.” (POSSENTI, 1998, p.80). O autor (1987 apud POSSENTI, 2010) também acredita que a

lingüística aplicada aos chistes é pobre e repleta de limitações, visto que ela se refere, geralmente, a trocadilhos e ambigüidades. (POSSENTI, 2010).

Isso pode ser visto como um grande desperdício, pois, conforme pode-se observar nas reflexões citadas acerca das piadas, elas fornecem “uma coleção de fatos e dados impressionantes para quem quer saber o que é e como funciona uma língua” (POSSENTI, 2001, p.72).

Adotaremos essa postura de Possenti, pois acreditamos que os chistes, com efeito, servem como um grande e incontestável *corpus* para as investigações na área da Lingüística.

Notamos que, para se realizar uma análise lingüística satisfatória de piadas, são de grande utilidade conceitos advindos da Semântica e da Pragmática. Para justificar essa nossa opinião, utilizamos as seguintes palavras de Travaglia (1990):

Para ele (Raskin) a moderna lingüística, sobretudo os campos suprasentenciais, têm muito a dar. Assim as duas disciplinas lingüísticas mais importantes para o estudo do humor seriam a **semântica** e a **pragmática**, lidando com conceitos tais como pressuposições, implicações e implicaturas, atos de fala, inferências, estratégias conversacionais, mundos possíveis etc. (TRAVAGLIA, 1990, p.61; grifo meu).

Dedicaremos o próximo subcapítulo a definições de Semântica e Pragmática, para que possamos utilizar os conceitos de tais disciplinas durante o desenvolvimento deste trabalho e para que entendamos melhor como elas são capazes de contribuir nas análises de tais textos humorísticos.

2.3 Duas disciplinas relevantes ao estudo das piadas: a Semântica e a Pragmática

Definir e delimitar Semântica e Pragmática não é tarefa das mais simples. De acordo com Roberta Pires de Oliveira (2009), a Semântica tem por objetivo descrever o ‘significado’ de sentenças e palavras, mas há, entre os semanticistas, uma divergência quanto à definição de ‘significado’, já que ele é empregado na descrição de diversas situações de fala. Também é a pragmática uma área heterogênea no que diz respeito ao seu objeto de análise, suscitando diversos debates sobre a perspectiva de seus estudos. De modo geral “[...] a Pragmática pode ser apontada como *a ciência do uso lingüístico*.” (PINTO, 2009, p.47-48; grifo da autora).

Márcia Cançado (2005), em seu *Manual de Semântica*, chega à conclusão de que não é simples precisar o que está contido no âmbito da semântica e o que está contido no da pragmática. Apesar disso, realiza algumas definições de ambas as disciplinas.

A autora inicia seu livro expondo que a semântica “é o estudo do significado das línguas” (CANÇADO, 2005, p.15). Esse ramo da Lingüística tem como objeto de pesquisa o significado das palavras e das sentenças (CANÇADO, 2005, p.16). Assim, do mesmo modo

que “o lingüista busca descrever o conhecimento lingüístico que o falante tem de sua língua” (CANÇADO, 2005, p.16), o semanticista procura “descrever o conhecimento semântico que o falante tem de sua língua.” (CANÇADO, 2005, p.16). Ela ainda atenta ao fato de que o sistema semântico não é o “único responsável pelo significado”, já que existem outros fatores que podem alterá-lo. (CANÇADO, 2005, p.17). Resumidamente, a semântica pode ser analisada como

[...] a explicação de aspectos da interpretação que dependem exclusivamente do sistema da língua e não, de como as pessoas a colocam em uso; em outros termos, [...] a semântica lida com a interpretação das expressões lingüísticas, com o que permanece constante quando uma certa expressão é proferida. (CANÇADO, 2005, p.17)

Assim, devido ao fato de que o sistema semântico não constitui todo o significado, sendo que existem outros elementos determinantes para a compreensão deste, alguns aspectos do significado são explorados dentro de uma teoria da **pragmática**. (CANÇADO, 2005).

De acordo com Cançado (2005), a pragmática estuda o modo como a gramática – entendida como o conhecimento da língua – pode ser utilizada em circunstâncias comunicativas concretas. Essa disciplina ainda trabalha com “os usos situados da língua e lida com certos tipos de efeitos intencionais.” (CANÇADO, 2005, p.18)

A autora ainda estabelece uma associação entre essas duas áreas, com base na dicotomia contida na teoria chomskyana:

Uma teoria que trate do conhecimento estritamente semântico estaria investigando parte da nossa competência lingüística. O desempenho é o uso desse conhecimento em situações comunicativas concretas e está situado no âmbito da pragmática. Uma teoria que trate de situações do uso estaria investigando a questão do desempenho. (CANÇADO, 2005, p.128)

Assim, a Semântica compreenderia o conhecimento lingüístico intuitivo do falante (competência), enquanto a Pragmática constituiria sua *performance* (desempenho).

O estudo da Pragmática se desenvolveu no século XX, primeiramente por Morris (1938) com o estudo da Semiótica; logo em seguida, com o estudo da Lógica pelo filósofo Carnap (1956, 1959) e na Semântica formal, por Montague (1968). Ela se estabeleceu nos estudos lingüísticos com Grice (1978, 1979) e Searle (1979).

A Pragmática corresponde ao estudo da língua em uso, à interação entre o código lingüístico, a língua e o mundo. Tem como objeto de investigações a ação verbalizada por meio da linguagem; o que fazemos quando falamos ou escutamos. Grosso modo, está associada ao estudo do significado da linguagem, inserida em contextos específicos.

Para Alzira da Penha Costa Davel, os estudos que envolvem a Pragmática têm a função de perceber “aquilo que as pessoas têm a intenção de dizer, ou seja: analisar objetivamente aquilo que é altamente subjetivo.”. E acrescenta:

Os estudos da pragmática têm a finalidade de analisar a língua em uso, da significação dos enunciados produzidos, envolvendo a interpretação do que as pessoas pretendem dizer, além do que foi dito. Captar essas intenções é fazer inferências. Deve-se aliar, também, os aspectos como os conceitos sócio-histórico e cultural de interação das pessoas, que podem influenciar na significação daquilo que é dito. Assim, o sentido não está somente nas palavras, mas também, nas pessoas que as utilizam e suas circunstâncias em que são utilizadas. (DAVEL, 2008, p.106).

Reyes (1998 apud LINS, s/d) considera que a Pragmática não estuda o significado de palavras isoladas, mas sim daquelas utilizadas durante o ato de comunicação.

De acordo com Green (1996 apud LINS, s/d), essa área se refere ao “estudo da interpretação das ações intencionais do homem”. Para Levinson (2007 apud LINS, s/d), ela examina a linguagem “a partir de uma perspectiva funcional, isto é, ela tenta explicar facetas da estrutura lingüística por referência a pressões e causas não-lingüísticas” (LINS, s/d).

Crystal (2008) destaca que ainda não existe uma definição coerente para Pragmática devido, entre outras coisas, à sua vastidão, isto é, a grande quantidade de temas que abriga. Apesar disso, defende que ela se situa em uma área entre a semântica, a sociolingüística e o contexto extralingüístico.

O autor expõe que esse campo se refere ao estudo da linguagem do ponto-de-vista dos usuários, priorizando as escolhas que eles realizam, as restrições com que se deparam quando utilizam a língua em interação social e os efeitos de seu uso sobre os outros participantes em um ato de comunicação.

Crystal (2008) afirma, ainda, que, através de uma visão estritamente lingüística, a Pragmática trata dos aspectos do contexto que estão formalmente codificados na estrutura de uma língua, sendo que eles seriam parte da competência pragmática de um usuário. De maneira contrária, ela tem sido abordada como o estudo dos aspectos do significado não compreendidos por uma teoria semântica (CRYSTAL, 2008).

A Semântica, por sua vez, diz respeito ao estudo do significado da língua e seus códigos, extraídos do contexto e tem por objetivo, conforme já exposto, descrever o significado das sentenças e palavras. Associa-se ao estudo da Semântica o valor de verdade das sentenças.

A título de ilustrar as diferenças entre os domínios de ambos os campos, citaremos dois exemplos e exporemos suas interpretações:

Na sentença “A porta está aberta”, podemos constatar apenas uma possibilidade de significação do ponto de vista **semântico**: um objeto, chamado porta, se encontra em estado aberto. Do ponto de vista **pragmático**, entretanto, são múltiplas as possibilidades de interpretação dessa mesma sentença, de acordo com o contexto em que for enunciada. Destacamos três interpretações possíveis:

- a) Uma espécie de convite, para que o interlocutor entre em um determinado ambiente. Em uma situação cotidiana, uma professora, em aula, vê um ex-aluno passando e lhe diz: “A porta está aberta!” (Exemplo extraído de Cançado, 2005);
- b) Uma insinuação para que alguém se retire do local. Em uma palestra, por exemplo, alguns espectadores conversam entre si. O organizador do evento se dirige a eles e diz: “A porta está aberta!”;
- c) A partir de uma metáfora, uma porta aberta é comumente associada a uma possibilidade de futuro promissor, a uma perspectiva positiva. Uma mãe conversa com seu filho recém-aprovado no vestibular, e, encorajando-o, afirma: “A porta está aberta!”.

De maneira semelhante, em uma sentença como “Está quente hoje!”, observamos, além de seu primeiro sentido (puramente semântico) de que a temperatura está elevada, no mínimo quatro significações pragmáticas:

- a) Uma insinuação, um pedido indireto, para que se tome alguma providência em relação à ventilação de determinado ambiente. Em uma sala abafada, por exemplo, uma visita se dirige ao dono da casa, dizendo: “Está quente hoje!”;
- b) Emprego da função fática, a fim de estabelecer um contato. Em um elevador, dois vizinhos se encontram, e um deles diz: “Está quente hoje!”;
- c) Um convite persuasivo ao interlocutor para que façam alguma atividade própria aos dias quente. Duas amigas se encontram e uma delas, com o intuito de convencer a outra a ir ao clube, diz: “Está quente hoje!”;
- d) Um comentário irônico acerca de alguma vestimenta de certa pessoa. Em um dia frio, durante um passeio ao *shopping*, duas irmãs, vendo uma mulher com um vestido curto, inadequado ao clima do dia, comentam entre si, sarcasticamente: “Está quente hoje!”.

A Pragmática – por se dedicar à análise dos usos da língua, considerando as intenções do locutor e os efeitos da fala deste sobre o alocutário – pôde, portanto, viabilizar uma aproximação entre Linguística e humor. De maneira semelhante, a Semântica também lida com fatores de grande relevância para se analisar os textos ditos jocosos, tais como sinonímia, polissemia, homonímia, ambiguidade etc. Assim, já que, conforme mencionado, é difícil separá-los (visto que se completam) , esses dois ramos da lingüística trabalham juntos conteúdos como pressuposições, implicações e implicaturas, atos de fala, inferências, estratégias conversacionais, mundos possíveis etc., inegavelmente importantes para se realizar uma interpretação desse gênero.

De modo geral, podemos concluir que ambas as disciplinas podem encontrar nos materiais humorísticos (piadas, cartuns, histórias em quadrinhos, charges) uma possibilidade de reunir uma grande quantidade de dados para se obter um produtivo estudo da linguagem (verbal).

3 ANÁLISES LINGÜÍSTICAS

Sírio Possenti, em vários momentos nos seus livros *Os humores da língua e Humor, língua e discurso*, atenta à noção de que “[...] nenhum tema é, por si mesmo, criador de riso” e completa que o que provoca, de fato, o riso “deriva da técnica, não do conteúdo do texto humorístico.” (POSSENTI, 2010, p.140).

Tendo em vista que os textos humorísticos exploram concepções ou fatos sociais já disseminados (POSSENTI, 2010) e que eles não se caracterizam por difundir discursos novos “mas por explorar de forma específica discursos correntes [...]” (POSSENTI, 2010, p.82), neste capítulo, enfatizaremos a explicação do “como” e não do “por quê” do humor. Desse modo, serão focalizados não os valores arraigados nas piadas, mas o **modo** como elas funcionam lingüisticamente, já que, “como sabiamente Freud já assinalou, o chiste consiste fundamentalmente numa certa técnica, na forma, e não num conteúdo ou num sentido.” (POSSENTI, 1998, p. 17). Portanto, para que o riso ocorra, é preciso que haja uma forma engenhosa. (POSSENTI, 2010). Priorizaremos os fatores lingüísticos que contribuem para a produção do riso nesses tipos de texto.

Partiremos, agora, às análises lingüísticas.

1. Por que a loira tem chulé só no pé esquerdo?

Porque quando era pequena sua mãe sempre dizia: "Lava esse pé direito".

Essa piada provoca o riso ao demonstrar a incompreensão por parte da loira quanto ao sentido do vocábulo ‘direito’. A sentença “Lava esse pé direito” é comumente realizada pelas mães com um intuito de fazer seus filhos lavarem seus pés corretamente.

“Direito”, neste caso é uma palavra ambígua, que pode significar tanto ‘corretamente’ como ‘oposto a esquerdo’. Assim, a loira, um protótipo de ignorante, compreende-a como o ‘pé direito’ (‘e não o esquerdo’) e não como é em geral compreendida, como, provavelmente, demonstra a intenção da mãe (como advérbio, significando ‘de maneira correta’).

Dessa forma, o leitor/ouvinte dessa piada realiza uma dedução para que a entenda: se a loira tem chulé no pé esquerdo é porque não o lavou. Isso devido ao fato de ela ter entendido que sua mãe quis referir-se somente ao pé (do lado) direito.

Devemos considerar que o que provoca o riso também é o ativamento de conhecimento prévio. Loiras são um protótipo de mulheres desprovidas de inteligência. Assim, isso leva o leitor ou o ouvinte desse chiste a inferir que, devido a tal característica, ela entendeu o sentido não-convencional.

2. Em um moderníssimo supermercado inaugurado recentemente...

A água é borrifada automaticamente, para manter os produtos frescos.

Você escuta o som distante de trovões e o cheiro de chuva fresca.

Quando você passa na seção de laticínios, você escuta mugidos e vivencia o aroma do leite sendo tirado das vacas. No setor de carnes tem aquele agradável aroma de carne assada na grelha com cebola.

Na prateleira de ovos, você escuta o som de galinhas cacarejando, e o ar se enche do cheiro de bacon e ovos sendo fritos.

Na padaria, se pode sentir o aroma de pães e biscoitos sendo cozidos.

Nunca mais compro papel higiênico lá.

Seguindo as descrições realizadas acerca de cada área do supermercado, pode-se inferir, por meio da lógica estabelecida através da leitura dos outros casos citados anteriormente, que também na área onde se vende papel higiênico há cheiro, porém desagradável. Nota-se que se trata de algo desagradável devido a um certo descontentamento por parte do enunciador ao se referir ao produto em questão na afirmação “Nunca mais compro papel higiênico lá”. Isso se deve ao fato de o leitor/ouvinte associar o frame de papel higiênico a odor, e, mais especificamente, a fezes. Assim, quem narra essa piada afirma que nunca mais irá comprar esse produto lá, já que se infere que se sentiriam, devido às características já observadas anteriormente acerca desse supermercado, odores desagradáveis (de excrementos).

3. Osama Bin Laden se encontrou com Deus e perguntou a Ele como estava o Iraque depois dos ataques terroristas promovidos por ordem sua. Ele disse:

- O Iraque foi tomado pelo governo norte-americano e os iraquianos sofrem com a injustiça.

Osama se sentou e chorou.

Barack Obama também se encontrou com Deus e perguntou a Ele como estará os Estados Unidos ao fim de seu governo. Deus disse:

- Os Estados Unidos terão perdido seu status de maior potência mundial e sofrerão grandes crises econômicas.

Barack se sentou e chorou.

Dilma, enfim, encontrou-se com Deus e perguntou a Ele como estará o Brasil se assumir a presidência nas próximas eleições.

Deus se sentou e chorou.

É importante ressaltar que essa piada foi produzida no contexto da eleição presidencial brasileira de 2010. Por ser uma narração baseada em repetição, ela nos surpreende no final por esperarmos que, em relação à última personagem, o mesmo que aconteceu às outras duas se repetiria: Deus diria que o governo levaria o país à ruína, e Dilma se sentaria e choraria. Entretanto, ao fim do relato, há uma inversão de papéis e Deus é quem lamenta a situação futura brasileira, o que dá a sugestão de que o Brasil estaria em pior situação se comparado aos outros dois países. O jocoso está no fato de que até mesmo Deus, um ente inegavelmente modelo de esperança e fé em nossa cultura, considerou o país sem solução. Além disso, pelo fato de que na crença de nossa sociedade cristã Deus é onisciente, há um elemento jocoso. Ao relatar as situações do Iraque e dos Estados Unidos, Ele parece indiferente, mas, ao tratar do Brasil, não chega a proferir uma palavra sequer e se põe a lamentar, evidenciando certo exagero no chiste. Esse detalhe reitera a tese da piada de que a situação brasileira será realmente catastrófica.

Para a compreensão total desse texto, é importante que o leitor saiba quem são as figuras reais em que as personagens da piada são baseadas e, ainda, que papel ocupam no cenário mundial: Osama Bin Laden foi um terrorista saudita e Barack Obama é o primeiro negro a assumir a presidência norte-americana. Deve-se saber, também, informações a respeito dos países citados: Iraque – país assolado por guerras internas e externas – e Estados Unidos – atual maior potência mundial. Por fim, o leitor deve estar a par da conjuntura política brasileira daquele contexto, em que a candidata Dilma Rousseff, assim como outros candidatos, foi fortemente criticada.

4. Clinton e Hillary vão a um posto abastecer o carro. Quando saem, Hillary diz a Clinton que o homem que os atendera tinha sido seu namorado, na juventude. Clinton diz a Hillary:

– Viu só? Se você tivesse se casado com ele, seria a esposa de um frentista de posto.

Ao que Hillary responde:

– Não; se eu tivesse me casado com ele, ele seria o presidente dos Estados Unidos.

Esse texto humorístico é também calcado no elemento surpresa. Na fala final de Hillary, sugere-se que o motivo por trás do qual Clinton chegara à presidência é a competência e a influência de sua esposa. Há, ainda, outra face do humor nesse texto: uma mulher verá o elemento jocoso com mais facilidade e satisfação, ao passo que um homem pode chegar considerá-la feminista e até mesmo ofensiva.

Para que essa piada seja integralmente compreendida, deve-se considerar a importância do conhecimento de mundo do leitor/ouvinte, o qual tem de estar a par de fatos importantes relacionados aos mandatos presidenciais de Bill Clinton, nos Estados Unidos (tais como a influência política e social de sua mulher Hillary Clinton, desde sua faculdade em direito até atualmente e, evidentemente, durante o período em que Bill esteve na presidência). O leitor/ouvinte pode levar em conta, ainda, o fato de Hillary ter sido a mais destemida primeira-dama estadunidense e uma das mais influentes advogadas da América, o que reitera o ditado popular a que nos remetemos ao escutarmos essa piada: “Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher”.

5. Dois turistas encontram um cemitério brasileiro. Vêem uma lápide na qual se lê: “Aqui jaz um político e um homem honesto”. E um dos turistas comenta:

– Que estranho. Os brasileiros enterram duas pessoas no mesmo túmulo. (POSSENTI, 1998, 112)

É interessante salientarmos a questão do inesperado nesse texto. Criamos a expectativa de que o comentário do turista diria respeito à estranheza que sentimos quando um político se diz honesto. Entretanto, o turista parte para uma conclusão inusitada e completamente esdrúxula: de que duas pessoas haviam sido enterradas no mesmo local - um político juntamente com um homem honesto.

De outro ponto de vista, a fala do turista poderia ser considerada irônica e jocosa. O adjetivo ‘honesto’, seguindo-se regras de concordância, poderia referir-se a ‘político’, a ‘homem’ ou a ambos os vocábulos (tanto a ‘homem’ quanto a ‘político’- o que seria mais provável e lógico se se considerasse a intenção de quem realizou a afirmação escrita na lápide). No entanto, há mais uma quebra de expectativa provocada pelas palavras do turista, o que confere esse caráter sarcástico do chiste: o fato de ele excluir a possibilidade de o adjetivo ‘honesto’ se referir aos dois vocábulos simultaneamente (principalmente a ‘político’, já que, comumente, uma característica bem marcante deste é a desonestidade, a corrupção). Assim, poderíamos observar que o turista concordou o adjetivo com o vocábulo mais próximo – o que é mais frequente e habitual – e, aí se encontra a ironia do texto: desconsiderou a possibilidade de ‘honesto’ se dirigir a ‘político’. Desse modo, ele expressaria a improbabilidade de coexistir em uma única pessoa as características de ‘político’ e ‘honesto’.

6. Na viagem, a mãe ajuda a filha, que está enjoada. O cavalheiro ao lado pergunta:

– Foi comida?

–Foi, mas vai casar, responde a mãe.

(Piada extraída de POSSENTI, 1998)

Pode-se observar dois sentidos referentes à palavra “comida” presentes nesse chiste. Um, que é entendido pela mãe da moça enjoada (já que responde que esta irá se casar), está relacionado a algo tabu, reprimido socialmente: o sexo. “Comida”, neste caso, é um verbo no particípio que se refere, vulgar e popularmente, ao fato de a mulher ter tido uma relação sexual.

O outro sentido do vocábulo “comida” – que, provavelmente, estaria relacionado ao que quis expressar o cavalheiro – seria uma espécie de pergunta feita por educação, é algo visto como mais “leve”, se comparado à primeira significação. Poderia ter como sinônimo a palavra “alimento”, servindo como um questionamento acerca do que poderia ter ocasionado o enjoo à menina.

Além da ambiguidade da palavra “comida”, vale notar uma diferença sintática que varia de acordo com cada significado. O primeiro sentido relatado seria um componente de uma construção realizada na voz passiva (“Foi **comida**”), sendo o vocábulo em questão um verbo no particípio passado. O segundo seria um substantivo feminino que teria, por exemplo, o termo “refeição” como sinônimo.

7. Numa festa, o secretário do presidente fila um cigarro. O presidente comenta:

– Não sabia que você fumava.

– Eu fumo, mas não trago.

– Pois devia trazer.

(Piada extraída de POSSENTI, 1998)

Nessa piada, nota-se claramente que há um vocábulo específico que gera a ambiguidade e, posteriormente, com a segunda afirmação do presidente, o humor: a palavra “trago”. Este termo é, em ambos os sentidos despertados pelo chiste, um verbo que se encontra na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Entretanto, apesar de se demonstrarem idênticos na pessoa, no tempo e no modo mencionados, têm significados totalmente distintos, o que pode ser comprovado se se observar a forma de cada um desses verbos no infinitivo :“tragar”(verbo regular) e “trazer”(verbo irregular).

Essas duas palavras de formas idênticas só se distinguem através do contexto. Como, na piada, o contexto para cada sentido de “trago” seria aceitável/possível (tanto “trazer

consigo o cigarro” quanto “*aspirar* a fumaça do cigarro”), o presidente dá continuidade à conversa como se ele tivesse entendido o que de fato quis dizer o secretário – o que, obviamente, não acontece, já que se trata de um texto humorístico. Assim, se não houvesse certa “falha” entre a comunicação do presidente e do secretário, se perderia o jocoso do texto, e este seria um diálogo ‘comum’. Cabe, portanto, ao leitor ou ao ouvinte dessa piada entender que cada um quis se referir a determinado sentido do vocábulo, que se encontra com a mesma forma mas variando de sentido.

8. Agora é que o país vai pro buraco *Dilma* vez.

O humor causado nesse trocadilho é decorrente da grande proximidade sonora existente entre as pronúncias do vocábulo *Dilma* e da expressão *de uma*. Esse jogo sonoro sugere que, se a atual presidenta Dilma Rousseff, ainda quando candidata, vencesse as próximas eleições, o país iria definitivamente cair em ruínas.

Para a compreensão integral desse pequeno texto, é necessário que o leitor possua conhecimento de mundo a respeito da situação eleitoral do Brasil no contexto das eleições presidenciais de 2010. Deve-se saber que Dilma, na época, era uma candidata à presidência integrante do partido PT – mesmo partido do então atual presidente Lula, – e que o pensamento comum da ala ‘anti-PT’ era o de que essa candidata não deveria governar o país, o que pode ter intencionado à criação e à reprodução do trocadilho. O interessante é notar que, apesar da jocosidade ser causada pela proximidade entre o vocábulo e a expressão, compreendemo-na perfeitamente mesmo não tendo a representação gráfica da palavra. Isso é possível devido ao contexto de eleições; se não houvesse uma contextualização dessa piada, ela certamente não seria compreendida.

9. “– Qual a diferença entre uma criança e um carpinteiro? – ? – É que a criança adora uma mamadeira e um carpinteiro detesta uma má madeira”. (POSSENTI, 1998, p. 74)

Observa-se uma diferença de acento entre “mamadeira” e “má madeira” que se encontra explícita na escrita “mas que na fala só se percebe operando analiticamente sobre o material lingüístico no próprio momento da audição da sequência.” (POSSENTI, 1998, p.74). Para se referir ao objeto “mamadeira”, os falantes pronunciam toda essa sequência de uma só vez, ou melhor, sem realizar nenhum tipo de pausa. Por sua vez, entre o adjetivo “má” e o substantivo “madeira” há, na fala, uma pausa devido à segmentação existente entre estes dois vocábulos; ou seja, quem narrasse essa piada pronunciaria a palavra “madeira” somente depois de haver realizado uma leve pausa após pronunciar “má” , já que se trata de dois

vocábulo (diferentemente de “mamadeira”). Tal diferença também pode ser examinada através do contexto, ou melhor, dos frames. Desse modo, quem ouve essa piada associa o frame de “*mamadeira*” a criança e, da mesma maneira, o frame de “(má) *madeira*” a carpinteiro.

10. “– Não deixe sua cadela entrar na minha casa de novo. Ela está cheia de pulgas.

– Diana, não entre nessa casa de novo. Ela está cheia de pulgas.” (POSSENTI, 1998, 130).

“Ela” é um vocábulo com característica dêitico-anafórica, que necessita, portanto, de uma referência, de um termo com o qual possa se ligar. Por ser um pronome, está substituindo um nome, cabendo ao ouvinte/leitor dessa piada descobrir a que palavra esse pronome se refere – e é justamente aí onde se encontra o jocoso desse texto. “Ela” pode se referir tanto a “cadela” quanto a “casa” – não há uma regra particular que determine uma interpretação específica. Há, portanto, de um ponto de vista estritamente gramatical, a possibilidade de este pronome estar substituindo tanto “cadela” (“Diana”) quanto “casa”.

Apesar disso, há algo que influencia a preferência por uma determinada interpretação (por uma referência em especial): o ‘conhecimento de mundo’. Pulgas são associadas a cães, havendo um direcionamento da interpretação graças a tal conhecimento de mundo do interpretante. Desse modo, o jocoso dessa piada se encontra no inesperado, na interpretação não convencional do dono do animal quando conclui que a casa é que possui pulgas – e não a cadela. Grosso modo, a artimanha lingüística que proporciona um resultado risível nesse texto é a utilização do elemento dêitico-anafórico. Esse elemento permite que haja duas interpretações: uma, que seria mais corrente na maioria das situações (principalmente em textos não humorísticos), é a influenciada pelo ‘conhecimento de mundo’; outra, que ocorre nessa piada, é inesperada, gerando o efeito jocoso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se entender melhor o funcionamento linguístico das piadas por meio de análises de um *corpus* composto por dez textos, procurando identificar o elemento da linguagem que provoca o riso em cada uma e priorizando detectar os recursos utilizados para a produção de um efeito humorístico nesses textos.

Para que o objetivo deste trabalho fosse atingido, foi preciso um levantamento bibliográfico que fez uso de diversos conceitos relacionados ao humor. Priorizaram-se estudos de áreas da Linguística em geral, tais como a Semântica e a Pragmática, já que esta viabiliza uma aproximação entre Linguística e humor por se dedicar à análise dos usos da língua, e aquela aborda fatores igualmente essenciais ao entendimento dos mecanismos de produção verbal que provocam um resultado jocoso.

Foi possível concluir que o mecanismo de ambiguidade está presente na maioria dos textos analisados. Um grande exemplo disso é a “piada 7”, que, ao realizar um notável jogo de palavras (“trago” – “trazer” e “tragar”) , revela uma verdadeira brincadeira com a própria língua – o que, indubitavelmente, nos propicia grande dose de prazer. No que diz respeito a isso, reproduzimos o seguinte pensamento defendido por Possenti: “Talvez se ria da própria língua, não porque ela não teria as virtudes que se suporia que deveria ter (porque falha), mas porque nos propicia agradáveis coincidências e descobertas” (POSSENTI, 1998, p.90).

Juntamente com a ambiguidade, pudemos comprovar também que a inferência se constitui algo responsável pela produção do humor no *corpus* trabalhado. Isso pôde ser constatado na “piada 2”, em que observamos algo dito não explicitamente, sendo a interpretação uma tarefa a ser cumprida pelo leitor/ouvinte de tal texto. Se se atingiu o riso, ela certamente foi realizada.

Em suma, as análises realizadas buscaram verificar o principal determinante de um efeito risível em cada piada, dispensando detalhadas reflexões de teor sociolinguístico, social e psicológico. A partir delas, pôde-se verificar que os textos de humor constituem um rico objeto de análise para o estudioso da língua, visto que eles possuem elementos abundantes para contribuir com um estudo completo do funcionamento e da estrutura da linguagem (verbal).

Há inúmeros outros fatores que esta investigação permite que sejam examinados. É óbvio que não se pôde, aqui, realizar um trabalho completo, fechado, devido à inegável vastidão e riqueza de elementos que caracterizam o universo humorístico e à enorme quantidade de temas mais específicos que esse universo abrange. A partir disso, seria interessante a proposta

de uma abordagem escolar baseada em textos humorísticos para se explorar os mais variados recursos da língua, trazendo atualidade e variedade de temas à sala de aula.

Assim, resumidamente, a seguinte afirmação de Possenti parece concluir a ideia obtida ao longo deste trabalho:

A conclusão óbvia é que uma língua não é como nos ensinaram: clara e relacionada diretamente a um fato ou situação que ela representa como um espelho. Praticamente cada segmento da língua deriva para outro sentido, presta-se a outra interpretação, por razões variadas. Pelo menos, é o que as piadas mostram (POSSENTI, 2001, p. 74).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman. **Uma história cultural do humor**. Trad. Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CANÇADO, M. **Manual de Semântica: Noções Básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

CRYSTAL, D. **A Dictionary of Linguistics and Phonetics**. 6th ed. USA. Blackwell Publishing, 2008.

DAVEL, Alzira P. C. O humor na propaganda de outdoor. In: Cadernos do CNFL. Rio de Janeiro, v.11, n.9. 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xicnlf/9/Cad09_XICNLF.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2011.

DAVIES, Christie. (1987). *Taking jokes (apart) Seriously*. **Semiótica** 66(4) – Amsterdam, Mouton de Gruyter, 1987.

DEL RÉ, A. **A criança e a magia da linguagem: um estudo sobre o discurso humorístico**. Tese de Doutorado – Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

FREUD, Sigmund. (1905). **Jokes and their relation to the unconscious**. London, Routledge, 1960.

GIL, C.M.C. Humor: alguns mecanismos linguísticos. *Alfa (SaoPaulo)*, v. 39, p.111-119, 1995.

JOHNSON, R. (1976) “Two realms and a joke: bisociation theories of joking”. In: Semiótica 16(3). The Ilague, Mouton Publisher, 1976.

LINS, M.P.P. **Estratégias pragmáticas de produção de humor em cartuns**. Espírito Santo. s/d. Disponível em: <<http://www2.cchn.ufes.br/ppgel/nethu/downloads/Estrat%C3%A9gias%20pragm%C3%A1ticas%20de%20produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20humor%20em%20cartuns%20-%20MARIA%20DA%20PENHA.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2011.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. “Semântica”. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à Lingüística: Domínios e Fronteiras**, v.2. São Paulo: Cortez, 2009.

PINTO, Joana Plaza. “Pragmática”. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**, v.2. São Paulo: Cortez, 2009.

POSSENTI, S. O humor e a língua. **Ciência hoje**. v.30, n. 176, p. 72-74, out. 2001. Disponível em: <[http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/revista-ch-2001/176/pdf_aberto/ENSAIO.PDF/view?searchterm=o humor e a língua](http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/revista-ch-2001/176/pdf_aberto/ENSAIO.PDF/view?searchterm=o%20humor%20e%20a%20l%C3%BAgua)> Acesso em: 26. abr .2011.

POSSENTI, S. **Os humores da língua**: análises lingüísticas de piadas. Campinas: Mercado de letras, 1998.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. **D.E.L.T.A**, v. 6, n. 1, 1990, p. 55-82.

HUMOR; PIADA. In: **HOUAISS**: dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUMOR; PIADA. In: **MICHAELIS**: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1999.